

Nilton de Paiva Pinto

A POESIA DE ROCHA PITA
NA ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

[Volume: II]

ANEXO

Poemas transcritos da obra *O Movimento Academicista no Brasil: 1641-1820/22*, volume I, tomos 1, 2, 3 e 4, publicada por José Aderaldo Castello, em São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, entre 1969 (tomo 1) e 1971 (tomo 4).

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007

SUMÁRIO DE PRIMEIROS VERSOS

1ª Conferência.....	05
Insigne Cunha que da nova Atenas.....	06
Ao César Português brando, e severo.....	07
Esta Aula do Brasil heróica empresa.....	08
Nesta ilustre Academia a quem a História.....	09
Mudou o Sol o Berço refulgente.....	10
No dia da maior honra de Aquino.....	11
Douta Palestra de Sábios.....	12
A ver do Sol o novo nascimento.....	15
Nobres Atletas, que em gentil porfia.....	16
Barbosa insigne, cujo engenho agudo.....	17
2ª Conferência.....	18
Oração Do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita.....	19
Douto Gama, Acadêmico ocupado.....	29
Monarca, que imperando em toda a parte.....	30
Monarca Augusto da ciência amante.....	31
Segue Endimião amante.....	32
Toda rendida a Lua sem recato.....	34
3ª Conferência.....	35
Brito não infeliz, porém constante.....	36
Vê Ásia em labaredas abrasado.....	37
Pondero a emudecida formosura.....	38
Vieram à compostura.....	39
4ª Conferência.....	41
São (meu pachorro) (sic) em vós tão verdadeiras.....	42
Aquele a quem mais cultos dá o respeito.....	43
Amorosa prisão que o Monte enleias.....	44
Parto das Selvas amante.....	45
5ª Conferência.....	46
Objeto vivo, Augusta Fantasia.....	47
Com termo impróprio de corresponder.....	48
6ª Conferência.....	49
Essa por tantos méritos Marquesa.....	50
Jaz sepultada nessa ilustre Pira.....	51
Atropelando os faustos da vaidade.....	52
De Távora a luz flamante.....	53

7 ^a . Sétima conferência.....	55
Fulmina irado Júpiter tonante.....	56
Quando Filis as lágrimas bebia.....	57
8 ^a . Conferência.....	58
De Pompeu chora César de verdade.....	59
César entregue à mágoa tão notória.....	60
Tenro infante composto de Alma, e Neve.....	61
Triste Gusano, escândalo de Flora.....	62
Seja o verso pequeno.....	63
9 ^a . Conferência.....	65
Para entoar os cantos mais sonoros.....	66
Nobre Agripina, Mãe desvanecida.....	67
Navegando em um Baixel.....	68
Quanto o lírico Assunto desta vez.....	70
10 ^a . Conferência.....	71
Vence Trajano, e sem lograr a glória.....	72
O desvelo maior tem aplicado.....	73
11 ^a . Conferência.....	74
Na estação em que menos reverbera.....	75
Com ânsia a Fábio Filis [ver] queria.....	78
12 ^a . Conferência.....	79
João, a vossa Musa ausente andava.....	80
Fala o Mar no contínuo movimento.....	81
Deste Apótema vigilante, e cego.....	82
Pagarse Amor con Amor.....	83
13 ^a . Conferencia.....	85
Fez discreta atenção, justo decoro.....	86
Hoje faz anos faustos, e constantes.....	87
De outubro aos vinte e dois dá um passo a Idade.....	88
Belo feitiço de Neve.....	89
Essa flor, cuja Holanda veste Flora.....	91
14 ^a . Conferência.....	92
Os dois melhores climas apartados.....	93
Vêm América, e Ásia a preferência.....	94
Vendo Filis, buscar na undosa prata.....	95
Ia o Sol, já do ardor que reverbera.....	96

15 ^a . Conferência.....	97
Em prêmio, ó Roma da mais dura empresa.....	98
Quem restaurou o crédito Romano.....	99
Uma beleza rara, mas esquiva.....	100
Uma dureza excessiva.....	101
16 ^a . Conferência.....	103
De Dario os Domínios, e a grandeza.....	104
Vê Pirene das flechas de Diana.....	105
17 ^a . conferência.....	106
Um Carvalho da délfica Montanha.....	107
18 ^a . Conferência.....	108
Primeiro Coadjutor, segundo Cura.....	109
A pompa mais gentil da Natureza.....	110
Depõe um pouco o Arco o Deus Luzente.....	111

PRIMEIRA CONFERÊNCIA

23 de abril de 1724

Ao senhor Doutor José da Cunha Cardoso
Meritíssimo Secretário da nossa Academia.

SONETO

Insigne Cunha que da nova Atenas
a máquina moveis mais peregrina,
e da nossa moderna Cabalina
as Águas represais sempre serenas.

As portas nos abri áureas, e amenas
desta douta Palestra, Aula divina,
já que tendes as chaves da Oficina,
e sois guarda do Tombo das Camenas.

Como dos pensamentos mais perfeitos
ilustre Arquivo sois, fecundo Erário,
nos provei da agudeza, e seus efeitos.

Pois em prosa elegante, e metro vário
só pode dar despachos de conceitos
quem é do entendimento Secretário.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Em louvor do Excelentíssimo Senhor Vasco
Fernandes César de Meneses, Vice-Rei, e
Capitão geral de Mar, e Terra deste
Estado, Instituidor, e Protetor da nossa
Academia Brasílica, que se faz em
Palácio na sua presença.

SONETO

Ao César Português brando, e severo
que irmanando o valor com a prudência
sabe ser absoluto, e ter clemência,
ser Alcides valente, sem ser fero,

Não César, mas Deidade o considero
formando uma palestra da ciência,
que há de ser vida ilustre da eloquência,
alento de Platão, Alma de Homero.

Dos Alunos desta Aula tão ciente
não é Minerva o Nume que os comove
quando tem êste júpiter presente.

Só esta causa superior os move
pois se Minerva os produziu da mente
ela nasceu do Cérebro de Jove.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Em louvor da nossa Academia com o título de Brasília.

SONETO

Esta Aula do Brasil heróica empresa,
que Academia Brasília se chama
cuja luz há de dar brilhante flama,
cuja Esfera há de ter toda grandeza:

Se do Brasil a célebre franqueza
com tal consternação a move, e inflama
quanto aos brados terá soberba fama,
quanto às composições grande riqueza.

Nesta América podem ter segura
execução os seus altos empenhos,
todos os seus escritos formosura.

Pois não hão de faltar aos seus desenhos
Suavidade na Pátria da doçura,
Agudeza na terra dos Engenhos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Em louvor da nossa Academia com o título
dos Esquecidos.

SONETO

Nesta ilustre Academia a quem a História,
e a Poesia hão de dar o fundamento
competindo uma, e outra alento, a alento
se há de cantar por ambas a vitória.

O ser dos esquecidos tem por glória,
mas com diverso efeito, e sentimento
quanto se humilha mais no esquecimento,
tanto mais se levanta na memória.

Os seus Alunos sairão prezados
do silêncio em que estavam escondidos
a vida nova, empregos duplicados.

E se em outras Potências, e sentidos
os vivos podem ser ressuscitados,
eles serão lembrados, e esquecidos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Sobre a Empresa da Academia, o Sol nascido
no Ocidente.

SONETO

Mudou o Sol o Berço refulgente,
ou fez Berço do Túmulo arrogante
galhardo onde se punha agonizante
com Luz no Ocaso, e sombras no Oriente.

Não morre agora o Sol, quer diferente
no Aspecto, se na vida semelhante
no Oriente nascer menos flamante,
e renascer mais belo no Ocidente.

Fênix de raios a uma, e outra parte
comunica os incêndios, e fulgores,
porém com diferença hoje os reparte.

Nasce lá no Oriente só em ardores,
no Ocidente a ilustrar Ciência, e Arte
renasce em Luzes, vive em resplendores.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Na reflexão feita no dia em que se deu forma à
nossa Academia, sobre ser o de Santo Tomás
de Aquino.

SONETO

No dia da maior honra de Aquino
se instituiu o emprego soberano,
de falar deste império Americano
por belo, e por remoto peregrino.

No trânsito de tal Herói divino
tão alto emprego, não parece humano
não houve escolha em tempo, não engano,
pareceu contingência, e foi destino.

Na ocorrência que um Santo se venera
por coluna da fé veio a ventura
dar forma à nossa literária Esfera.

E se teve mistério a conjuntura
que há de durar a Fábrica se espera
que em fé, Coluna, e sorte se assegura.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Em louvor da nossa Academia, compreendendo
os Assuntos dos seis Sonetos antecedentes.

ROMANCE

Douta Palestra de sábios,
das Letras alto edifício,
Templo da memória adonde
são os simulacros vivos.

Capitólio venerando
onde é Ídolo o Juízo,
são vítimas os conceitos,
e os Estudos sacrifícios.

Anfiteatro da Fama,
das ciências obelisco,
Troféu adonde as Potências
têm suspensos aos sentidos.

Compêndio da Erudição,
de tôda a elegância Arquivo
em que a lição chega a pasmo,
passa o discurso a prodígio.

Com o Protetor que tendes
tão excelso, e tão invicto
a quem deu o Tejo cultos,
e pagou párias o Índio,

Que Vice-Rei de dois Impérios
opulentos, e estendidos
só das ações fez Tesouro,
das riquezas desperdício,

Permanecereis eterna
apesar do rigor nímio
do tempo, e suas injúrias,
da morte, e seus homicídios.

Bem por empresa tomastes
no Ocidente ao Sol nascido
manifestando-lhe o Berço
adonde tinha o jazigo,

Porque o nosso Protetor
por Esfera, e glória altivo
para abundar ao Ocidente
de luzes, e benefícios,

Quando no Ocidente estive
tendo até no Sol domínio
não quis trazê-lo no carro,
e no Berço o tem trazido.

Com fantasia contrária
chamar-vos dos esquecidos
gentil ênfase parece,
ou foi discreto delírio.

Título mal conformado,
Enigma bem entendido
informando esquecimentos,
e memórias prevenindo.

Nesta Figura se vê,
como em rascunho indistinto,
que os esquecidos lembrados
hão de ser por este arbítrio.

Caducarão as memórias
de Túlio, Salústio, e Lívio,
andarão a rasto as penas
de Ovídio, Homero, e Virgílio.

Porque hão de subir mais alto
em Metro, Elegância, e estilo
um Cunha, um Gama, um Barbosa,
um soares, e dois Britos.

Se do Brasil derivais
o sobrenome, é preciso,
serem liberais os partos,
pois o terreno é tão rico.

Doce há de ser o trabalho,
e suaves os escritos
onde o açúcar anda a montes,
onde corre o mel a Rios.

Foi ponderação piedosa
dos vossos Alunos dignos
o dia em que se formou
este colégio erudito.

Porque veio a ser no próprio
de Santo Tomás de Aquino,
sendo este sucesso acaso
como se fora previsto.

Porém não foi contingência,
mas especial auspício
pois só um Doutor celeste
pudera dar-lhe princípio.

Florescei Palestra insigne
logrando em seguro Asilo
no Protetor tanta glória
no Santo tal Patrocínio.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Repente ao qual deram assunto os acidentes do tempo, e as circunstâncias do dia 23 de abril (conjunção de Lua nova) em que se abre a nossa Academia Brasílica.

SONETO

A ver do Sol o novo nascimento,
a nova Lua veio prontamente
um e outro Planeta no Ocidente
trazendo o seu efeito, e movimento.

O Sol em raios grande luzimento,
a Lua em águas copiosa enchente
assistindo a Academia mais ciente,
e concorrendo a dar-lhe o fundamento.

Para encher ao Congresso de favores
mais se expende um Planeta, outro mais arde,
o dia repartido em seus primores.

Ambos fazem do seu obséquio Alarde
um em cristais, e outro em resplendores,
a Lua de manhã, e o Sol de tarde.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Em louvor dos Senhores Acadêmicos da nossa
Academia Brasílica no dia em que ela se abre.

SONETO

Nobres Atletas, que em gentil porfia
pretendeis abalar Platão, e Apolo
transferindo o Parnaso ao nosso Pólo,
Atenas colocando na Bahia.

Sereis aos Doutos Norte, aos sábios guia,
e em vossas obras hão de achar sem dolo,
os pensamentos remontando ídolo,
elevados primores a Poesia.

Quinta Essência serão, e outro portento
da Hipocrene as sutis Águas serenas,
e darão aos engenhos novo alento

Quando forem, com glória das Camenas,
recolhidas ao vosso entendimento,
e destiladas pelas vossas penas.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao Meritíssimo Senhor Juiz de Fora, Inácio
Barbosa Machado, um dos quatro Mestres
da Academia, lendo nela do nosso Brasil.

SONETO

Barbosa insigne, cujo engenho agudo
é de Minerva o parto que mais preza.
Águia na elevação, e sutileza
único Fênix, singular em tudo.

Já não pode o meu livro ficar mudo
pois se ledes da América a grandeza,
tomando por emprego a minha Empresa
deixais acreditado o meu estudo.

Agora alcançará mais alta glória
a minha voz, seguindo o vosso brado,
o louro será meu, vossa a vitória,

Porque aos cortes gentis desse Machado
o tronco há de ficar da minha história
mais útil, mais vistoso, e bem lavrado.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

SEGUNDA CONFERÊNCIA

07 de maio 1724

Oração Do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita
Presidindo na Academia Brasílica.

A sorte, e não o merecimento me põe hoje neste prezadíssimo lugar por aquele Império, que sobre a virtude costuma ter muitas vezes a fortuna, e posto que o meu demérito seja tão notório, que faz escusada esta minha confissão, se for desnecessária para desculpa dos meus erros, é precisa para testemunho da minha humildade, e para realçar mais a grandeza da hora que recebo na presidência de uma eruditíssima Academia de que sou o Aluno mais indigno, porém a mesma Deidade, que com o emprego me deu as Asas, me há de conceder a Esfera, se não for para voar a dos seus altos atributos, será para discorrer outros Hemisférios, posto que menos remontados sempre relevantes ao meu talento e difíceis à minha compreensão.

É o nosso Instituidor insigne, e Protetor excelso o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Príncipe que não emulado, porém excedendo a glória dos antigos Césares do seu ilustríssimo apelido protege a todas as ciências, e anima a todos os talentos, os quais só com o seu patrocínio podem conseguir os pleiteados louros nos contenciosos Certames das Literárias Palestras. Floresceram na proteção de Otaviano Augusto César, os Poetas Vergílio, e Horácio; na de Cláudio Tibério o Escritor Tito Lívio; na de Domício Nero floresceram Quinto Cúrsio, Sêneca, Epíteto, Sílio Itálico, e Lucano; na de Flávio Vespasiano Plínio o maior; na de domiciano Flávio os Poetas Estácio, Marcial, Juvenal, o Orador Quintiliano, e o Filósofo Apolônio, e no amparo de Úlpio Trajano luziram o segundo Plínio, Plutarco, Lúcio Floro, Suetônio, e Cornélio Tácito.

Na grandeza a todos aqueles Césares Romanos excede o nosso incomparável César Português, e na glória a todos aqueles Escritores, e Poetas igualam os nossos Cietíssimos Acadêmicos pelo vivo Numen que são Alunos, que ordenou esta Academia para lhes eternizar os nomes. Erigiu o Francês Carlos Magno César do Ocidente a Academia de Paris, e lhe deu por Mestre ao insigne Alcuino famoso Oráculo das ciências naquele Século. Fundou Frederico 2º César Germânico a Academia de Viena; o César Carlos 4º Boêmio formou a Academia de Praga, e cada um deles no tempo do seu Império lhes pôs por Mestres os Varões que havia em Europa mais celebres nas Letras.

Instituiu o nosso ínclito Protetor invicto César Lusitano esta Academia do Brasil, elegendo-lhe por Mestres os talentos maiores, que hoje se acham na América Portuguesa os Senhores quatro eruditos Lentes, cujas elevadas penas têm servido aos remontados vôos da fama em outros elegantíssimos escritos, e cujos nomes não repito por estarem já pelo meritíssimo Secretário rubricados, e esculpidos neste soberbo Obelisco, que se vai erigindo às suas memórias, ou neste eterno Monumento, que se vai consagrando à nossa posteridade.

Tudo conseguiremos pelo Esclarecido Protetor que logramos, em quem estão tanto em Equilíbrio o valor, e a ciência, que faz se não diferenciem a armas, e as Letras mais que nos instrumentos, assim como só no nome se distinguem Palas, e Minerva: Herói a todas as luzes grande, que por todos os Hemisférios traz ocupado os clarins da fama. Para as cenas das ruínas de Pompeu foram necessárias as três partes do Mundo até então descobertas; quatro partes ainda não bastam para teatros das glórias do nosso César, que soube encher os atributos do seu apelido melhor, que Fábio Máximo as medidas do seu nome. Hércules de maior emprego, Aquiles com melhor fortuna, Alexandre que achou mais Mundos que dominar, e César que não acha contrários a quem vencer.

Cuidadoso, e vacilante o meu pensamento no assunto que havia de tomar para fazer a minha oração nesta preclaríssima Academia, cujo sistema deixa ao arbítrio dos Presidentes a eleição da matéria em que hão de discorrer se me ofereceram muitas à imaginação. Já se me representava digno objeto do discurso o emprego de alguns Heróis, que celebrou a gentildade, cujas ações nas Fábulas correm com licença de verdades, e fazê-las possíveis com o verdadeiro exemplo dos generosos feitos de tantos Heróis Portugueses, que a memória sobre as Asas da fama levou à imortalidade.

Parecia-me mostrar, que as peregrinações do nosso Infante Dom Pedro foram maiores, que as jornadas de Teseu, que as aventuras do nosso Cavaleiro andante Dom Álvaro Vaz de Almada, excederam as empresas de Hércules, que as observações do nosso Infante Dom Henrique falando com as Estrelas, e medindo os Mares se avantajaram às do Gigante da Mauritània, que pela contínua contemplação dos Astros fingiram que tinha o Céu aos ombros, que as viagens dos Argonautas Lusitanos Dom Vasco da Gama, e Fernando de Magalhães deixaram muito atrás as do Grego Jason, e as dos Cartagineses Hanon, e Magon.

Já variando de objeto me levava a fantasia a fazer um exímio Paralelo dos nossos Autores aos mais célebres do Mundo; entre os Escritores João de Barros com Tito Lívio; Frei Bernardo de Brito com Marco Túlio; Manuel de Faria com Cornélio Tácito, e Jacinto Freire com o segundo Plínio; entre os Poetas Luis de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Francisco de Sá de Miranda, e Antônio Barbosa Bacelar; com Virgílio, Tasso, Petrarca, e Marino, mas o cuidado ia ainda atrás de outras matérias, mais políticas, e não menos próprias do instituto Acadêmico.

Viam os olhos do pensamento algumas Repúblicas antigas, e me inclinava o desejo a notar os seus Estatutos. Na[s] Ateniense[s] leis tão encaminhadas à liberdade, que passando à excessiva licença a reduziram a uma dura servidão; na Romana tanta ambição de dominar, que por ela se veio a perder; na Lacedemônica, ou Espartana, tal licença nas mulheres, e tanto arrojo nos homens, que se não pode conservar; na Cretense, ou Candiana tão demasiado poder no Povo, que como a Víbora trazia no ventre os filhos que a haviam de roer, e a chegaram a destruir; na Cartaginesa também a nímia ambição com que pretendeu senhorear toda Espanha, e toda Itália, e o rigor com que punia por leves culpas aos seus maiores Capitães, e Patrícios pelo que veio a perecer. Considerava esta consumida nos seus incêndios, aquelas sepultadas nas suas ruínas, e ainda estava suspenso o meu cuidado na escolha do meu assunto.

Porém, ocupando-me toda a imaginação a fantasia, e ambição dos homens, e considerando que as suas cegueiras foram causa daqueles defeitos, e estragos, o muito a que tem chegado o seu empenho em adquirir domínios, e que ainda não acharam inventiva com que saciarem o luxo dos seus apetites, nem baliza onde porem termo ao excesso das suas vaidades, me resolvi a discorrer sobre o fausto dos homens, sobre as fadigas com que fundaram Monarquias, os meios com que as adquiriram, e ampliaram, pretendendo um só Monarca dominar muitos Impérios, que do seu próprio peso carregados vieram a cair; as mudanças que tiveram, os domínios a que passaram; e finalmente que a Monarquia Portuguesa há ser no Mundo Católico mais permanente, e mais firme que todas as que viu o Mundo Gentílico. Posto que o assunto é tão vasto (acomodando-me ao ato, e ao tempo) será breve o discurso.

Largo curso de anos depois do Universal dilúvio com que o Céu quis castigar aos homens, e da sacrílega Fábrica com que os homens intentaram escalar ao Céu não havia

mais Edifícios que os Montes, depois se levantaram Montes de Edifícios, Babilônia os Mouros, Tróia o Ilião, Éfeso o Templo, Rodes o Colosso, os Anfiteatros, e Coliseus, Roma. Primeiro a[s] ervas do Campo, e as frutas das Árvores eram aos homens suficiente, e regalado alimento da sua vida, depois todos os frutos, e criações da terra, todas as criaturas do mar não bastaram para satisfação da sua gula dispendendo Armarrites, Sardanapalo, Marco Antonio, Nero, e Heliogábalo nas mesas as rendas das suas mais ricas Províncias, e Cleópatra mandando derreter nos manjares as mais preciosas pérolas das orelhas por fazer mais custosos os seus convites, enfastiado o apetite humano dos Faisanes de Milão, e dos Francolins de Chipre se de certo houvera Fênix aquela fantasia de cores, ou fábula de penas, não faltara quem por se singularizar com tão peregrino prato privara ao Mundo da maravilha das Aves, Mãe, e filha de si própria.

O suborno de um cordeiro foi merecimento em Jacó para alcançar a benção, e morgado de Isaac, depois as maçãs das Hespéridas, as vitórias do Leão, e da Idra não foram em Hércules serviços para merecer os agrados de Euristeu. Primeiro o Campo de Hebron entre os Hebreus era a sepultura dos seus Patriarcas, Adão, Set, Abraão, Isaac, e Jacob, e entre os Gentios pouca porção de terra o sepulcro dos seus Príncipes, e Capitães Heitor, Ajax, Patrócolo, e Aquiles: uma fogueira o enterro de Hércules; e outra o de Dido. Depois vestindo a morte as galas, e vaidades da vida fabricaram soberbíssimos Edifícios aos esqueletos dos seus cadáveres, e ao pó das suas cinzas: os Reis do Egito nas Pirâmides, a Rainha de Caria no Mausoléu, os Imperadores de Roma nas Agulhas, e Obeliscos, e até entre os Católicos, grandes Príncipes levantaram para túmulos suntuosos Templos com maior atenção à fama dos seus jazigos, que ao culto da sua Religião.

Pois o muito que obraram os homens por adquirirem domínios, e pelos ampliar, não tem termos a retórica para o expender, nem há nos (sic) Hipérboles encarecimentos com que o declarar em fadigas, forças, indústrias, traições, e impulsos, que se supunha não caberem na Esfera do poder humano, e posto que a Natureza parece que dividiu às nações os Domínios separando-os já com Montes, como em Espanha os Pirineus, em Alemanha os Alpes, em Itália os Apeninos, em Albânia os Acreseraunos, as Serranias do Atlante em Mauritània, e do Tauro em Armênia; já com Rios como o Tejo, o Sena, o Pado, o Danúbio, o Ganges, e o Nilo, em Espanha, França, Itália, Alemanha, Ásia, e África; já com os cinco mares Oceano, Mediterrâneo, Vermelho, Pérsico, e Cáspio. Os Montes se viram cortados

com ferro, e fogo por Alexandre, por Aníbal, por Ápio Cláudio, por Pompeu e por César: os Mares superados por Jason, por Xerxes, por Enéas, e por Ulises; e aos Rios mudado o curso natural das correntes como fez João Hircânico aos de Samaria, Hércules Tebano ao Alfeu, e o Hércules Português Afonso de Albuquerque tratava fazer ao Nilo, servindo-se os homens nas guerras para conseguirem as empresas até das criaturas irracionais, fazendo dos Camelos carros, das Mulas trem, dos Cavalos Esquadrões, dos Elefantes trincheiras, e Baluartes, das Águias Pendões, e das Pombas correios.

Pela ambição, e ciúme da soberania faltaram os homens aos mais estreitos vínculos do sangue, matando os filhos aos Pais, como Asaradax a Senacherib, Filo Pater a Tolomeu Evergetes, Nino o segundo a Semíramis, Nero a Agripina, os Pais aos filhos, como Heródoto a Aristóbolo, Tolomeu Dionísio a Beronice, a primeira Cleópatra a Seleuco, e a Imperatriz Irene mandando na sua mesma presença tirar os olhos a seu filho o Imperador Constatino 7º, crueldade de que se scandalizou o próprio Sol, que estando até aquele ponto no maior vigor dos seus Resplendores subitamente se escondeu; e por espaço de dezessete dias não quis mostrar-se a Constantinopla por não alumiar com as suas luzes tão abominável tirania. Deixo em graus de parentescos mais apartados, e nas leis da sujeição, e da amizade semelhantes exemplos por serem infinitos.

Foi tão insaciável nos humanos a cobiça de dominar, que alguns Monarcas intentaram reduzir o âmbito da terra ao círculo de sua Coroa, como Alexandre, que se lastimava de não haver muitos Mundos para os conquistar, sem atenção a que um só ombro não pode sustentar excessiva carga, e que um homem não tem talento para o governo do Mundo. Adão o primeiro que nele houve, saindo flamante das mãos de Deus, teve tão pouca capacidade em o reger, que em poucas horas o perdeu, a gentilidade que encarece tão robustas forças no seu Atlante, mostra que lhe foi preciso passar o peso aos ombros de Hércules; não só com dois olhos, porém com muitos (qual outro Argos) se pinta o Cetro.

Só pode dominar, e reger tudo quem de tudo foi Autor, e ainda assim o mesmo Deus por nos ensinar criou vários substitutos da sua Onipotência, dando à terra por governadora a Natureza, ao dia por presidente ao Sol, à noite a Lua por visitadora, e até na fabrica dos Céus dividindo Esferas, repartindo espaços; pôs tantos Ministros quantos são os planetas, os signos, as constelações, diversas Estrelas, umas fixas, outras errantes, delegando-lhes os

poderes com que estão influindo, e concorrendo para a conservação do Mundo, e concerto dos mesmos Orbes celestes.

E que conseguiram os homens em juntar Estados, e ampliar domínios? se não somente apresar-lhes as ruínas, e reduzi-los aos fins, porque a carga moderada pode sofrer-se, a excessiva não pode sustentar-se: com este conhecimento mandou Antíoco Rei da Síria agradecer ao Senado Romano o tirar-lhe muitas Províncias da sua Monarquia; porque com lha diminuir o livrava das fadigas de a sustentar. Os maiores Impérios acharam na sua extensão a sua ruína, vindo a cair derribados do seu próprio peso, causa porque Augusto deixou escrito por documento a seu Sucessor Tibério, que restringisse até certos limites o Romano, e posto se duvidasse então se o dizia por benefício, ou por inveja, o tomou depois por conselho Adriano, e pôs termos à Monarquia, mandando derribar a Ponte que Trajano fez lançar sobre o Danúbio, e determinando que para o Oriente fosse o Rio Eufrates a última baliza do Império, abandonando o muito, que já adiante se tinha conquistado.

A duração é inimiga da grandeza, e o tempo nos corpos mais dilatados imprime os maiores golpes. Das sete maravilhas do Mundo, as de Máquina mais soberba viram o seu fim mais abreviado; os Muros de Babilônia arruinados por Ciro; para triunfar da soberba dos Assírios; o Templo de Diana queimado, por Eróstrato para deixar memória do seu nome, das tempestades do Ar, e dos acidentes do Tempo, derribadas as Pirâmides do Egito, o Colosso de rodes (que não pôde conservar-se mais que cinqüenta e quatro anos) posto por terra ao excesso do seu próprio peso, e até nos corpos humanos os de mais agigantada estatura (a juízo dos Médicos) estão sujeitos a maiores, e mais contínuas enfermidades.

A existência consiste na mediania, e só no Equilíbrio das potências podem conservar-se os Impérios, porque a proporção é a alma de tudo, e assim como no Microcosmos do composto humano, que também é Mundo abreviado, quando as qualidades contrárias de que se compõe andam em competente grau proporcionadas sem entre si terem vantagens não periga a vida da mesma sorte se no Mundo material as Monarquias estivessem em tal igualdade ordenadas, que não pudessem oprimir umas às outras não se arruinariam todas.

Por falta deste Equilíbrio se não puderam sustentar os Impérios, e foi esta a causa da sua mudança, e da variedade com que passaram de uns a outros Monarcas, pois vemos que o dos Assírios veio a ficar sujeito ao dos Medos em Arbaces; o dos Medos passou ao dos

Persas em Ciro, e no mesmo Ciro tornou outra vez a passar o dos Assírios aos Persas, o dos Persas, e dos Egípcios passou ao dos Gregos em Alexandre, das porções do grego se engrandeceu o dos Romanos ao qual passou o dos Cartagineses nos Cônsules Cipiões maior, e menor, e o dos Partos nos Imperadores Trajano, Severo, e Caracala. Dos fragmentos do Romano se formaram as Monarquias dos Godos, dos Árabes, e ultimamente a dos Turcos, e se alguns destes Impérios fizeram mais dilatado o curso da sua ruína foi para castigo de algumas Nações, como o dos Egípcios, e o dos Assírios para flagelo dos Hebreus no cativo do Egito, e de Babilônia, o dos Romanos para vingança dos insultos do Mundo, e de si próprios, e hoje o dos Turcos para castigo dos pecados da Cristandade.

Só do Império Lusitano há de ser permanente a Monarquia, e apostar com o mundo a duração. Sendo entre muitas causas a principal para a sua existência a grande constância com que a Nação Portuguesa se esmerou sempre na pureza da nossa Fé Católica, desde que a recebeu sem deferir, nem desviar um ponto do sentimento da Igreja Romana; prerrogativa em que se avantajou às outras Nações Cristãs. Esta foi a Pedra fundamental, sobre que Cristo Senhor nosso quis estabelecer um Império que levasse o seu sagrado Nome às partes remotas, como o prometeu no Campo de Eurique ao primeiro Rei Lusitano, e como o tem feito, e vão sempre executando seus descendentes, e Sucessores os Augustos Monarcas Portugueses.

É a Religião a maior prerrogativa dos mortais, a mais firme coluna das Monarquias. Os Gentios posto que erraram tanto no emprego da verdadeira Fé, se empenharam de forma no culto da cega Idolatria, que nenhuma coisa antepunham à adoração das suas Deidades: os Tesouros que Enéas salvou da abrasada Tróia foram os Deuses Penates, que levou à Itália: Numa à Deusa Egéria fez Protetora do reino de Roma; Licurgo debaixo do patrocínio de Apolo deu leis aos Lacedemônios; Caronda a Cartago no amparo de Saturno; Minas a Creta no auxilio de Júpiter; Sólon a Atenas, no favor de Minerva, e ao Egito Trismegisto na sombra de Mercúrio; os Cônsules, e Senadores Romanos não entravam à conferência dos negócios sem primeiro incensar os Ídolos.

Os gregos atribuíam, as suas fortunas à grande Religião de Alexandre, como os Cartagineses as suas desgraças à pouca fé de Aníbal, este tão perjuro que faltava quase sempre aos juramentos que fazia pelo seus Deuses, e aquele tão pio, que até ao Deus que tinha por estranho rendia adorações, como o mostrou tomando o Reino de Judéia, pois

vendo diante de si com as vestes Pontificiais ao pontífice Jado se lhe prostrou por terra, e mostrando-lhe os Judeus a profecia de Daniel, em que se lhe prometia o domínio do Mundo os livrou dos tributos, e sacrificou a Deus no Templo. Entre os mesmos Gentios até aqueles que negaram a imortalidade da alma, disseram que era a Religião mentira necessária, e útil ao bom governo das Repúblicas, e à conservação dos Impérios.

Unidos em um corpo, e uma cabeça os Romanos, e Gregos receberam a fé no grande Imperador Constantino, e prevaricaram em Constâncio Arriano, em Juliano apóstata, e depois divididos em Império Ocidental, e Oriental acabou um em Augústulo pouco constante na Religião, e outro em Constantino Paleólogo totalmente cismático, e contrário aos Dogmas Católicos. O Império de Alemanha Católico na sua Erecção no Imperador Carlos Magno prevaricou em Frederico I chamado o Barba-Roxa, em Frederico II, em Ludovico V, rebeldes aos Pontífices, e declarados por Inimigos da Igreja Romana, e depois grande parte daquela vastíssima Região recebeu a heresia do Pérfido Martim Lutero, que separou do Grêmio da Igreja muitos Estados, grandes Províncias, que permanecem na sua cegueira sem lhes poder dar remédio então um dos mais pios, e valerosos Monarcas do Mundo Imperador Carlos V, nem hoje os seus Augustos Descendentes Sucessores da sua Dignidade, do seu esforço, e das suas virtudes.

Recebeu o Reino de França a Fé Católica em El-Rei Clodoveu, e prevaricou em Henrique III fator de Hereges, em Henrique IV nascido, e criado na heresia, a qual deixou depois de estar na posse da Coroa com grande glória do titulo de Cristianíssimo estirpando este tão grande Monarca, como famoso Herói, e seu filho, e neto Luis XIII, e Luis XIV, as heresias dos Ugonotes, e Calvinistas, que em trinta anos de guerras civis haviam senhoreado grande parte daquele florentíssimo Reino.

Itália o Solar da Cristandade recebendo a Fé pelo mesmo Imperador Constantino, tornou em muitas das suas Províncias, e na mesma Roma a continuar as Idolatrias, e depois de extintas, se exerceram em várias partes dela as heresias dos Maniqueus de África, dos Albigenses de França, e as dos seus Naturais, os Fraticelos, os Albados, as de Dulcino, e Margarita, que com grande trabalho pelo curso de muitos anos se vieram extinguir. Espanha o Patrimônio da Fé a recebeu (estando ainda sujeita aos Romanos) pelo glorioso Apóstolo São Tiago, com licença dos que negam a sua vinda, depois foi prevaricando com a heresia de Prisciliano Galego; com a de Árrio Alexandrino no domínio dos Godos, e

tornando a Religião Católica o seu pio Rei Recaredo degeneraram os seus Sucessores Uvetiva, e Rodrigo desobedientes à Sé Apostólica, e anatematizados pelos Pontífices Romanos.

Porem o nosso nunca assaz louvado reino de Portugal, recebida a Lei Evangélica, que lhe pregou o mesmo Santo Apóstolo, permaneceu nela tão constante, que no domínio dos Romanos, e os Godos, dos Alanos, e dos Mouros, combatido de tantos contrários da Religião Católica, nunca se apartou da sua observância por temor, força, ou algum outro acidente, florescendo contra a violência daqueles Bárbaros, muitos varões, que dando as vidas em argumento da Religião subiram a ser antorchas no Céu. Donzelas inumeráveis, que receberam o martírio em prova da Fé, e defesa da virgindade, e sendo açucenas da pureza, lírios da castidade, com mais merecimento, e verdade que as flores da capela Ariadna, passaram a ser Estrelas no firmamento.

Depois na obediência dos seus Naturais Monarcas, foi crescendo sempre em perfeição Católica por gratificação dos favores divinos, feitos a El-Rei Don Afonso Henrique, Gedeão Português, a quem falou Deus animando-o contra os Mauritanos, como ao Gedeão Hebreu, contra os Mandranitas um, e outro Campeão parecidos nos empregos, e nas virtudes as quais comunicadas por este primeiro Rei Lusitano aos seus Sucessores as viu o Mundo resplandecer com glória incomparável em um Dinis, um Duarte, um Manuel, um Sebastião, um Henrique, dois Santos, dois Pedros, cinco Joãos, e seis Afonsos. Dilatando a Religião Católica pelas mais remotas partes do Mundo, e não querendo em recompensa das grandes ações, e preciosas ofertas, com que serviram à igreja Romana, mais que o prezado título de obedientíssimos.

As virtudes de todos estes Monarcas, se acham epilogadas no seu Augustíssimo Sucessor Rei, e Senhor Nosso Dom JoãoV, Real compendio vivo de todos os seus atributos, como o tem mostrado, desde que tentou as rédeas da Monarquia na obediência do pastor Universal, e no culto dos sagrados Templos, não havendo Santuário, que não frequente com repetidos votos, e dádivas generosas, mandando reedificar uns, e erigir outros, e chegando a sua piedade, e grandeza, não só aos de todas as suas Conquistas, mas até aos da mesma Roma, e o seu amparo a toda Cristandade, em cuja defesa enviou as suas Armadas, sendo no ano de 1717 a que mandou em socorro da Praça de Corfu no mar Jônio, o desempenho

das armas Católicas, contra as otomanas alcançando-se do Inimigo comum a mais gloriosa vitória, que nos vizinhos Séculos viram aqueles mares.

Esta é a causa porque há de permanecer o Império Português, que em cumprimento do Oráculo divino se vê dilatado nas quatro partes do Mundo, compreendendo na belicosa Europa a nobilíssima Lusitana porção mais Ocidental de Espanha, que escolheu para descanso das suas fadigas o Sol, fertilizada com as suaves correntes dos floridos rios, Tejo, e Douro, e com as puras águas do delicioso Lima, ou fabuloso Letes. O abundantíssimo Reino dos Algavares, as frescas, e mimosas Ilhas da Madeira, e dos Açores. Na robusta África, toda a costa de Guiné, as vistosas, e verdes Ilhas em que tiveram as Hespéridas o Jardim com Pomos de ouro, e aquela grande parte por onde corre o estupendo Rio Zaire, segundo Nilo, que não concede vantagens ao Egípcio.

Na riquíssima Ásia, A Região mais fecunda, e mais soberba que regam os férteis cristais dos célebres, e caudalosos Rios, Indo, e Ganges, onde chegou com os seus Exércitos Alexandre, que vencendo em Campanha ao agigantado Poro Rei da Índia, se não atreveu a entrar nela, e voltou para a Babilônia. Na América famosa a vastíssima porção que cercam com Vales de neve por um, e outro lado os portentosos Rios, Grão Pará, e da Prata, e corta o de São Francisco pouco inferior aos dois, sendo os três maiores do Mundo; opulentíssimo Brasil, cuja situação não alcançou a diligente Geografia de Ptolomeu, cujo continente não viu a temerária dos Argonautas, e cujas minas deixou de ver a ciência infusa de Salomão. Servindo o Orbe todo de Base ao Tronco de Augustíssimo Senhor Rei Dom João V, de firmeza, e extensão à sua dilatadíssima Monarquia.

Conferência de 7 de maio.

Em louvor do Senhor Desembargador Luís de
Siqueira da Gama, Acadêmico Ocupado, e
Lente de Política na nossa Academia Brasílica.

SONETO

Douto Gama, Acadêmico ocupado,
que de empregos gentis enobrecido
por fadigas, e acertos conhecido
o título fizestes bem logrado.

No Pletro, e na Política empregado
apareceis de acento tão subido
nas regras de Platão esclarecido,
com as Ramas de Apolo coroadado.

Ditosa ocupação que tanto aumento
sabe trazer à vossa antiga glória,
e em tal Esfera põe vosso talento.

Soltai o metro, prossegui a história,
pois aos cultos do vosso entendimento
hão de sobrar Altares na memória.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º, no
grande empenho com que protege, e exalta
as letras, assunto heróico da nossa Academia
Brasílica

SONETO

Monarca, que imperando em toda a parte
reinais também no humano entendimento,
em cujo patrocínio, e valimento
se levanta a ciência, apura a Arte.

Convosco a Natureza os dons reparte
já de sabedoria, já de alento
em tais graus, que não julga o pensamento
qual em vós é maior Minerva, ou Marte.

Louva, das Musas, o Canoro Plectro
o vosso nome que nos Orbes soa
insigne Protetor da Prosa, e Metro,

E a fama, que as ações vos apregoa,
não sabe distinguir da Pena, o Cetro,
nem separar a Toga, da Coroa.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º, no
grande empenho com que protege, e exalta
as letras. Assunto heróico da nossa Academia
Brasílica

SONETO

Monarca Augusto da ciência amante,
Quinto João em tudo preeminente,
no estilo mais que Cícero eloqüente,
na observação dos Céus maior que Atlante,

Que elevais a Hemisfério dominante,
a ordem Literária, a Toga ciente,
e no Grêmio do Cetro mais potente
dais às letras lugar tão relevante.

As letras cá na terra sempre invictas
serão por vós agora sem cautelas
colocadas na Esfera a novas ditas.

Nesse papel celeste em lições belas
poreis constelações de novo escritas
luzindo os Caracteres como Estrelas.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície
em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia
Brasílica

DÉCIMAS

Segue Endimião amante,
e segue Clície discreta
um ao mais veloz Planeta,
outra ao Astro mais brilhante.
Cada qual firme, e constante
cá deste humano Arrebol
foi seguindo o seu Farol,
pondo em ação não comua
ele os cuidados na Lua,
ela os empenhos no Sol.

Porém posta na balança
do discurso esta fineza,
a de Endimião não pesa
o quanto a de Clície avança.
Esta serviu na esperança,
na posse aquele vivia,
e vantagem grande havia,
seguindo no bem que amava,
um a Lua que o buscava,
e outra ao Sol que lhe fugia.

Achava Clície amarguras,
e zelos no que adorava
porque o Sol só dedicava
a Leucotoe as ternuras.
Na Lua logrou venturas
sem queixas Endimião,
e parece sem questão
ser o mérito menor
em quem adora o favor,
que em quem ama a ingratitude.

Vença pois Clície valente
a Endimião na porfia,
ele amando em cortesia,
ela em viva chama ardente.
Por amor tão diferente
em emprego semelhante,
Endimião pouco amante
no sono está sepultado,
e Clície vive no Prado
transformada em Flor Gigante.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou
Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa
Academia Brasílica

SONETO

Toda rendida a Lua sem recato,
o Sol todo desvios arrogante
achava Endimião premio abundante,
Clície dava o desprezo de barato.

Diversa Empresa, diferente trato
nos dois houve, quanto é dessemelhante
o receber finezas de um amante,
a tolerar rigores de um ingrato.

Efeito desigual, em causa certa
nos dois amantes já se descobria
Endimião remisso, Clície alerta.

Ambos estão com vária fantasia,
ele imerso no sono, ela desperta
pois dorme Endimião, Clície porfia.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

TERCEIRA CONFERÊNCIA

21 de maio de 1724

Em louvor do Acadêmico Infeliz o Senhor
Capitão João de Brito e Lima, no dia em que
Preside na nossa Academia Brasílica.

SONETO

Brito não infeliz, porém constante
em todo o emprego tão ditosamente,
que o título fazeis mui indecente
à fama que lograis tão relevante.

Orando na Palestra mais triunfante
mostrais com energia competente
nas figuras retórica excelente,
e nas cláusulas voz altissonante.

Em prosa, e verso é tal vossa elegância,
que juntais a uma mesma fantasia
duas composições, em que há distância,

E tudo concordando em Harmonia,
quanto em prosa falais, é consonância,
quanto em verso escreveis, é Melodia.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Vai Diana assistir ao nascimento de Alexandre em Macedônia, e deixa ardendo o seu Templo em Éfeso. Assunto heróico da nossa Academia Brasílica.

SONETO

Vê Ásia em labaredas abrasado
o seu sagrado Alcacer mais famoso,
vê Grécia ao seu Herói mais valeroso
à luz daquele incêndio alumiado.

Vê Diana o seu Templo devorado
vai de Olímpias ao parto venturoso,
que a vida de Alexandre generoso
antepõe ao seu culto profanado.

A seleta Deidade o movimento
aplica ao Semi-deus, que a gloria raras
nasce filho de Jove, e seu alento,

E porque traga ao Mundo ações preclaras
prevenindo-lhe a vinda, e nascimento
despreza o Templo, não estima as Aras.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Uma Dama que sendo formosa não falava por
não mostrar a falta que tinha de dentes.
Assunto lírico da nossa Academia Brasílica.

SONETO

Pondero a emudecida formosura
de Filis, sem temer que impertinente
possa no meu soneto meter dente
pois carece de toda a dentadura.

Se por cobrir a falta esta Escultura
tão muda está que não parece gente
Estátua de Jardim será somente,
se de pano de raz não for figura.

O Senhor Secretário quer que a creia
bela sem dentes, eu lho não concedo
desdentada é pior do que ser feia,

E em silêncio só pode causar medo,
ser relógio do Sol para uma Aldeia,
para um Povo Estafermo do segredo.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Uma Dama que sendo formosa, não falava por
não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto
lírico da nossa Academia Brasílica.

ROMANCE

Vieram à compostura
Filis, da beleza vossa
liberais o Sol, e Estrelas
porém mui escassa a Aurora.

Nesse dourado cabelo
o Sol seus raios esgota
e então está mais formoso
parecendo Sol em ondas.

As Estrelas nesses olhos
de que o Céu humano se orna
juntando os seus resplendores
todas as luzes tem postas.

Só a Aurora por negar-vos
trinta e dois dentes à boca
nem miúdo Aljôfar sua
nem Pérolas netas chora.

Porém não o fez de avara
tanto como de invejosa
para que não fosses bela
sem falta, senão, ou nota.

Temeu a Mãe de Menon
que em mais graça, e melhor forma
Amanhecêsseis primeiro
Na formosura, e na pompa.

Dizem que por esta falta
andais muda, e tão teimosa
em calar, que não há quem
uma palavra vos ouça.

Calar é prudência às vezes
mas sempre, é culpa notória
sendo indício de ignorância
ouvir, e não dar respostas.

Não ter voz, é não ter Alma,
e parece injusta coisa
andar viva nos sentidos
e estar no silêncio morta.

Para responder cortes
não ter dentes pouco importa,
saia a voz sem consonâncias
que o cortejo não é solfa.

Para agradecer afetos
com palavras amorosas
que nascem do Coração
basta só que língua as mova.

Para dizer bem de todos
abri mil vezes a boca
pois quem tem língua de prata
escusa dentes, de Aljôfar.

É lastima que estejais
como Imagem primorosa
a quem só falar lhe falta
quando tudo o mais lhe sobra.

Falais (sic) que não deixareis
de ser tida por formosa
em todas as quatro partes
que cingem as cinco Zonas.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

QUARTA CONFERÊNCIA

04 de junho de 1724

Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o
Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na
nossa Academia Brasílica.

SONETO

São (meu Pachorro) (sic) em vós tão verdadeiras
as ciências, que pasma a fantasia,
se às Palestras saías da Freguesia,
e se passais do Púlpito às Cadeiras.

Em Prosa, e verso compreendeis inteiras
As profissões de Túlio, e de Talia
sendo orador da nossa Academia,
e Cisne das Brasílicas Ribeiras.

Essa vossa Oração fará desdouro
a quem no próprio emprego companheiro
penetrar das ciências o Tesouro,

E fareis, sendo em mérito o primeiro,
que sobre as folhas do triunfante Louro
prevaleçam Ramas do Pinheiro.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2º de ver os
seus vassallos, assunto heróico da nossa Academia
Brasílica.

SONETO

Aquele a quem mais cultos dá o respeito,
o Segundo João de imenso brado
pelas vozes da Fama proclamado
perfeito Rei, e Príncipe perfeito.

As ações dos Vassallos, e o conceito
com ânimo Real, Augusto agrado
para os prêmios trazia no cuidado,
para as estimações tinha no Peito.

De ver aos Lusitanos se gloriava,
e nesta ação a mesma simpatia
no Monarca, e Vassallos se apurava.

Mas não sei quem mais glória conseguia
se o Rei que como Lince os penetrava,
se os Vassallos que como objetos via.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

A uma Hera sustentando a um Álamo seco, assunto
lírico da nossa Academia Brasílica

SONETO

Amorosa prisão que o Monte enleias,
e com laços gentis, folhas benignas
em bela confusão cobres ruínas,
em verde pompa estragos lisonjeias.

Erguer a um tronco seco não receias,
e dar-lhe vida nova determinas
aplicando-lhe em forças peregrinas
no brando suco o líquido das veias.

Logrando heroicamente o teu intento,
livre o tronco por ti da mortal calma
na Montanha serás vivo portento.

Pois tens (fazendo de teus Ramos Palma)
para escalar muralhas muito alento,
para dar vida aos Álamos muita Alma.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

A uma Hera sustentando a um Álamo seco, assunto lírico da nossa Academia Brasílica.

DÉCIMAS

Parto das Selvas amante,
verde, e mentido Briareu
por natureza Pigmeu,
por ousadia Gigante.
Bem que sejas tão constante
pondera o teu fraco estado
de folhas débeis formado
por ruínas sempre postas,
e não carregues às costas
um Obelisco do Prado.

Quando ó Heras assim te enlaças
que só de arrimos te alentas
como a um Álamo sustentas
e trazê-lo aos ombros traças?
Porém como tudo abraças
por piedade, ou por favor
nessa carga o teu valor
ser com glória persuade
Prodígio da caridade,
ou é milagre do Amor.

Se por caduco, e prostrado
queres com impulso ardente
fazer do fraco valente,
do morto ressuscitado.
Serás a vida do Prado
com forças tão compassivas,
e as outras Plantas esquivas
hão de ver, que em tais confortos
não pode haver troncos mortos
enquanto houver Heras vivas.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

QUINTA CONFERÊNCIA

25 de junho de 1724

Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos,
assunto heróico da nossa Academia Brasílica

SONETO

Objeto vivo, Augusta Fantasia,
de Reais exemplares alta Idéia
a quem o Trono excelso lisonjeia,
a quem espera a vasta Monarquia.

De junho o sexto venturoso dia,
deixando a Esfera de esplendores cheia,
nos quis trazer em vós, Astro que enleia
a esperança, a obediência, a simpatia.

Dez generosos círculos jucundos
têm feito a vossa vida em passos sérios
caminhando a imperar Orbes fecundos,

E vos faz, de abranger os Hemisférios
tão digno, que se houvera muitos Mundos
contareis pelos anos os Impérios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na
Flor do Malmequer, assunto lírico da nossa
Academia Brasílica.

SONETO EM AGUDOS

Com termo impróprio de corresponder
com imperfeita forma de primor,
tem posto Fílis o perfeito Amor
no desdém de um grosseiro Malmequer.

Que pode em dois contrários pretender,
nesta união de afeto e de rigor,
por Enigma juntando flor a flor,
em confusão metendo ser, e ser.

Mas Fílis se alucina em presumir,
que dois extremos se hão de conformar,
quando juntos não podem existir.

Pois nas ações de aborrecer, e amar
se é ódio o Malmequer, se há de extinguir,
se o Amor é perfeito, há de durar.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

SEXTA CONFERÊNCIA

09 de julho de 1724

Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia;
Primeiro assunto da presente Academia.

SONETO

Essa por tantos méritos Marquesa,
que logrou na maior glória profana,
a vida pelo emprego soberana,
o sangue superior pela nobreza,

Muitos Sóis lhe lustraram a grandeza
parecendo Deidade em forma humana,
filha do Sol na Origem Castelhana,
Aia do Sol na Esfera Portuguesa.

Perdeu a vida, não o luzimento,
de mais Raios, está possuidora,
e as cinzas só deixou no Monumento.

Em mais luzes é justo brilhe agora,
passando a ser Estrela ao Firmamento,
quem de tantos Planetas foi Aurora.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo Assunto.

SONETO

Jaz sepultada nessa ilustre Pira
Troféu da Morte em fúnebre campanha,
quem colheu o Esplendor de toda a Espanha,
no elevado Oriente de Altamira.

Passou a Portugal, nele se admira
Deidade natural, nascendo estranha,
inda de luz no Ocaso se acompanha,
Educações Reais inda respira.

Em Paço Augusto, Corte suntuosa,
Aia do Português Príncipe amado
a doutrina lhe deu mais generosa.

Ambos se competiram no cuidado,
ele fazendo a educação gloriosa,
ela deixando o emprego bem logrado.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

À Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia,
tomando o estado de Religiosa: segundo Assunto
da Presente Academia

SONETO

Atropelando os faustos da vaidade,
as honras demitindo da grandeza,
rompendo as uniões da Natureza,
desprezando os rigores da saudade.

De Gouveia a Marquesa alta Deidade
outro culto não quis, que o da pobreza,
a brandura trocou pela aspereza,
e deu pela clausura a liberdade.

Que efeitos não verá dignos de história?
pois do sangue que tem, vive esquecida,
pois do muito que foi perde a memória.

Ó Marquesa, hoje mais engrandecida,
se podes em ser nada a maior glória,
nesse deixar de ser tendes mais vida.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo Assunto.

ROMANCE

De Távora a luz flamante,
de Gouveia o Esplendor
para brilhar como Estrela
a um Céu de Estrelas passou.

Tem desprezado na Corte
ser Planeta entre outros Sóis,
despindo Raios humanos,
vestindo divino ardor.

Deixa o profano Hemisfério,
e na empresa que dispôs
busca de um Mosteiro a Esfera,
que é toda constelações.

Do seu Brasão os Delfins
nadando em ondas deixou,
e Salamandra celeste
se abrasa a incêndios de Amor.

Na união do sangue rompe
os mais apertados nós,
por que as ausências triunfem
à custa dos Corações.

Em tão cruel despedida
nenhum suspiro soltou,
que quando resiste a Alma,
também emudece a voz.

Da Natureza, e Fortuna
tanto Estado, e tantos dons
pela humildade que preza,
toda a pompa desprezou.

Despe os faustos da grandeza,
de um hábito se compõe,
e anelando o que há de ser,
nem se lembra do que foi.

Trocou os mimos em cruzes,
toda aos mártírios se expôs
entregando a vida às penas,
a liberdade às prisões.

Não a obrigam os anos
a tão grande extremo pois,
na primavera da idade
tem louçanias de flor.

Em alguns lustros que conta
inda estão com atenções
em seus quilates o Garbo,
a beleza em seu primor.

Mas tudo cobre de um saco,
ó desengano, ó temor,
faça penitência a terra,
pois veste cilício o Sol.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

SÉTIMA CONFERÊNCIA

23 de julho de 1724

Caindo um Raio sobre a Estátua de Apolo,
Assunto heróico da presente Academia.

SONETO

Fulmina irado Júpiter tonante
Sobre a Estátua de Apolo um Raio ardente,
Fatal impulso, ação incompetente
De um amoroso Pai a um filho amante.

Que mistério, que causa relevante?
Teve tão memorável acidente
Espedaçar o Raio irreverente
Da Luz ao Simulacro radiante.

Se os destroços de Imagens tanto dignas
Das próprias Divindades são castigos,
Com pasmo das Esferas cristalinas,

Quem pode ter constantes os abrigos?
Quando ao Sol não perdoam as ruínas,
Quando até nas Deidades há perigos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Tomando uma Dama na boca umas Perolas, se lhe quebraram alguns dentes. Assunto lírico da presente Academia.

SONETO

Quando Filis as lágrimas bebia,
Em um fio de Pérolas brilhante
Da matutina luz, bela, e flamante
Precursora do Sol, e Mãe do Dia,

Uns dentes se lhe partem à porfia
Para a união das Pérolas amante,
Que sendo a qualidade semelhante
Os quis conglutinar a simpatia.

Bem que ao beber as Pérolas luzentes
Se lhe quebrem os dentes, julga, e toca
Não serem as matérias diferentes.

Pois sem se conhecer mudança, ou troca
Enfiados por Pérolas os dentes
Tem por dentes as Perolas na boca.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

OITAVA CONFERÊNCIA

06 de agosto de 1724

Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu
inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente
Academia.

SONETO

De Pompeu chora César de verdade
A morte, ação por rara peregrina,
No próprio peito que o furor domina
Achar a compaixão tal liberdade.

Porém nesta maior fatalidade,
Nesta grandeza de um herói mais digna,
Tão injusta em Pompeu foi a ruína,
Como em César inútil a piedade.

Dos contrários um morre, e logo atento,
Outro a morte lhe chora raro espanto!
Sem remédio no golpe o sentimento.

Mas num correndo o sangue, noutro o pranto
Muito foi em Pompeu perder o alento,
E César tudo fez em sentir tanto.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo assunto heróico.

SONETO

César entregue à mágoa tão notória,
Lamentar, de Pompeu na sorte dura,
A morte que o Império lhe assegura,
Benemérita ação foi da memória.

Superar a paixão lhe aumenta a glória,
O valor na clemência se lhe apura,
Que vencer ao contrário foi ventura,
E vencer-se a si próprio foi vitória.

Do sucesso na dúvida, ou certeza
Consistia o triunfo, ou o castigo,
E teve a mágoa então mais de fineza.

Pois em chorar a morte do Inimigo
Entre os receios da maior empresa
Soube antepor a lástima ao perigo.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Um belo menino brincando em um Jardim com as flores o mordeu um Áspide, e logo morreu.
Assunto lírico da presente Academia falando com o menino.

SONETO

Tenro infante composto de Alma, e Neve
Que em Teatro de flores, flor mais pura
Um Áspide te estragou a formosura
Com veneno fatal, e golpe breve.

Mais feroz que o Dragão, quando se atreve
A peregrino incauto na espessura,
O Gusano em campanhas de candura
Para tirar-te a vida alentos teve.

Deu-te a morte privando-te violento
De uma estância florida, porém dela
Subiste a possuir melhor assento.

Foi venturosa a sorte, a troca bela,
Pois do Jardim passando ao Firmamento,
Deixaste de ser flor, por ser Estrela.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo Assunto lírico falando com o Áspide.

SONETO

Triste Gusano, escândalo de Flora
Que nos Jardins profanas aleivoso
Tanto vulgo de flores precioso,
Regado com as lágrimas da Aurora.

Inimigo Cruel, que a vista ignora
Quanto menos soberbo, mais danoso
Que deste golpe humilde, e lastimoso
A uma vida pueril, morte traidora.

Um menino de idade apenas viva
Em buscar belo, no Jardim candores
Que culpa cometeu tão excessiva.

Conjuração parecem tais rigores,
Sendo tirana morte intempestiva
Ciúme teu, emulação das flores.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Um belo menino brincando em um Jardim com as
flores, o mordeu um Áspide, e logo morreu.
Assunto lírico da presente Academia.

ENDEIXAS

Seja o verso pequeno,
E breve o estilo,
Pois o lírico Assunto
É de um menino.

Bem que belo não fora
Será preciso,
Que o poder do toante
O faça lindo.

De Nácar, e Neve
Composto vivo,
Era cristal com alma,
Flor com sentidos.

Dera em um Jardim
Pasmos aos Jacintos,
Às Angélicas xaque,
Mate aos Narcisos.

Ao brincar com todos
Foi de improviso,
Não de abelha picado,
De Áspide mordido.

Cai logo coberto
De um suor túbio,
Quer por ser de Aljôfar
Era Rocio.

A morte recebeu
Em um delíquio,
Sem que a vida lhe deva
Um só suspiro.

Mas ser morto de certo
Eu não o afirmo,
Porque a todos parece
Que está dormindo.

Matar por este modo,
Fraco inimigo
Sendo fatalidade,
Parece brinco.

Em um quadro de flores
Tal paroxismo,
Morte foi de Jasmim,
Ou é de delírio.

Ser campo o Jardim
Deste homicídio,
Faz tão feio o lugar
Como o delito.

Das mais formosas flores
O labirinto,
Lamentando o caso
Se pôs marchito.

Um Jardim foi a Vênus
No parto, abrigo,
Porque sobre as flores
Nasceu cupido.

Sendo vária a Estância
Aos dois Meninos,
Um encontrou afagos,
Outro castigos.

Lá na Quinta dos Padres
Foi o conflito,
Do qual tirou devassa
Padre Ministro.

Desterrou ao Áspide
Do seu distrito,
E ao menino morto
Lhe deu jazigo.

Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

NONA CONFERÊNCIA

27 de agosto de 1724

Ao muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do
Vale Pontes, presidindo na presente Academia,
havendo o Reverendo Cônego o Senhor
Antônio Roiz Lima orado na antecedente.

SONETO

Para entoar os cantos mais sonoros
Este Museu em délfica harmonia,
Dois Cisnes deu a Sé à Academia
Valendo cada um por muitos Coros.

Porém, um Cisne, outro Águia ambos canoros
Têm sido companheiros na porfia,
O Cisne já deu vozes no seu dia,
A Águia sempre apura os seus decoros.

O Cisne já bebeu na clara Fonte,
A Águia sem jamais ter quem a iguale
Domina o Rio em dilatada Ponte.

Fazem que Apolo no Parnaso cale,
O Cisne lhe cantou naquele Monte,
Mas a Águia o registra neste Vale.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Agripina que prognosticando-lhe um Astrólogo, que se Nero imperasse havia de tirar-lhe a vida, respondeu que fosse Imperador ainda que a matasse. Assunto heróico da presente Academia.

SONETO

Nobre Agripina, Mãe desvanecida
Que por veres a Nero intronizado
Queres verter o sangue mais prezado,
Sem recear a morte tão temida.

Esse tirano filho Matricida,
Em teu dano, a teu gosto coroado
Há de ver como a Víbora rasgado
O ventre adonde recebeu a vida.

Na sua elevação, teu precipício
O Astrólogo fatal viu com verdade
Oposta a ingratição ao benefício,

Mas sendo em glória tua esta impiedade,
Tu deste à honra a vida em sacrifício,
Ele ao ódio em Troféu a crueldade.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um Delfim. Assunto lírico da presente Academia.

ROMANCE JOCO-SÉRIO

Navegando em um Baixel
Carregado de memórias
Busca Fileno às saudades
O lenitivo nas ondas.

As tempestades notando
Que em seus cuidados encontra
Tem as tormentas do mar
Por ilusões, ou por sombras.

Mas já náufrago na espuma
Quando mais nela se engolfa
Sai a salvá-lo um Delfim
Das entranhas de uma Roca.

Com escamas de esmeralda
Move a cauda, opõe as conchas
Para reparar dos mares
As baterias de aljôfar.

Do cristalino fracasso
Tanto a livrá-lo se arroja
Que apesar das fúrias da água
Sobre os seus ombros o toma.

Já vai buscando a Ribeira
Nobre Barquinha piedosa
Nada pompa, e toda alentos
Pouco vulto, e muitas forças.

Já põe ao jovem em terra
Já para os mares se torna
Nas vozes emudecido,
E retórico nas obras.

Tudo o que passou no fato
De ações gentis, e forçosas
Não expõe o Autor do Assunto
Fazendo mui breve a história.

Mas posto que tão sucinto
andasse nesta tramóia
Não falta quem a acrescente
Pois não vicia o que sobra.

É tradição mui constante,
Fama pública, e notória
Nas Ninfas, e Pescadores
Daquelas Praias, e Costas.

Que Fileno agradecido
Ao Delfim lhe pôs por obra
Como a Deidade marinha
Um Obelisco à memória.

Mas o tempo que inclemente
Aos colossos não perdoa
Nem permitiu que o sítio
Se dissesse aqui foi Tróia.

Jaz ignorado o lugar,
Porém a ação meritória
Para Assunto de Romances
De doze até treze Coplas.

Do Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Um Delfim salvando das ondas, sobre as suas
Espadas a um homem. Assunto lírico da presente
Academia.

SONETO JOCOSO

Quanto o lírico Assunto desta vez
Nada tem de fecundo, e de eficaz
Delfim no Mar, que dúvida nos faz
É mais próprio no Mar, que no Xadrez.

Porém que homem há tão fraca Rês,
Que um Delfim de o suster seja capaz
Pô-lo em salvo na terra, para atrás
Seguro que o não faço, nem das dez.

Eu não acho no Assunto côr, nem luz
Com que possa formar algum matiz
Sequer para pintar um Avestruz.

Que muito, pois ignoro o que ele diz,
Se o Assunto conceitos não produz,
Que o Soneto não valha dois seistis.

Do Guarda da Alfândega Domingos
Snunes Tibal. *

* Provavelmente pseudônimo de Sebastião da Rocha Pita.

DÉCIMA CONFERÊNCIA

10 de setembro de 1724

Alcançou Trajano uma vitória, e não chegando a triunfar dela lhe levantou o sucessor Adriano uma Estátua; pergunta-se de donde lhe resultou maior glória, se da vitória, ou da Estátua. Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

Vence Trajano, e sem lograr a glória
Do Hecatombe maior que Roma canta,
Uma Estátua Adriano lhe levanta
Em prêmio perdurável da vitória.

É questão onde fosse mais notória,
Aquele Herói a Fama com que espanta,
Na vitória a vigor de empresa tanta,
Ou na Estátua a poderes da memória.

Mas atento o discurso não duvida
Dizer, fora a Trajano neste fato,
Mais que a vitória, a Estátua esclarecida.

Sendo em perpétuo, e frágil aparato,
Caduco o vencimento como a vida,
E a lembrança imortal como retrato.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Perdendo uma senhora um grande bem, trazia
muito na memória esquecer a perda dele.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

O desvelo maior tem aplicado
Filis para esquecer um bem perdido,
Mas como pode o bem ser esquecido?
Quando o próprio desvelo o faz lembrado.

Como pode o discurso desvelado
Ver-se do que imagina dissuadido?
Lembrar-se de esquecer traz no sentido,
E vem o esquecimento a ser cuidado.

Se da perda o descuido não tomasse
Por empresa, essa mágoa que padece
Fera possível, que lhe não lembrasse.

Mas a memória em Filis permanece,
Pois se o descuido de cuidado nasce,
Do que quer esquecer se não esquece.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA PRIMEIRA CONFERÊNCIA

24 de setembro de 1724

Pegando fogo na Casa em que se fabrica a pólvora,
entrou nela a extingui-lo o Excelentíssimo Senhor
Vi-Rei Fernando César de Meneses; perigo de que
o livrou a Virgem Santíssima Mãe de Deus. Assunto
heróico da presente conferência. Aconteceu o caso em
uma tarde do mês de abril, conjunção de lua-cheia.

TERCETOS

Na estação em que menos reverbera
Os refulgentes Raios na Bahia,
O Planeta Senhor da quarta Esfera

Caminhava ao seu termo um claro dia,
E a noite dos horrores em que estava
Cego Império de sombras prevenia,

Mas o noturno luminar que andava
Em curso cheio, em passos de Gigante
A destruir-lhe as trevas se apressava,

Quando luz pouca, em Flama devorante,
Envolta em fumo, tremulada ao vento
Ia abrasando Fábrica arrogante.

Do composto, e cruel forte Elemento
Veneno do valor, Peste da vida,
Artifício infernal, Tudesto invento.

Foi a soberba Máquina erigida
Por grato General, cuja memória
Está naquelas pedras esculpida.

Indo a chama a fazer-se mais notória,
[Leva] a fortuna a César a [notícia]
Por dar-lhe até de incêndios a vitória.

É este Herói aquele a quem propicia
Serve a fama, e que os Fados traz sujeitos
Por ações, por alento, e por perícia;

O César Português, que em grandes feitos
Nos teatros fatais [de] ambas Espanhas
Foi exemplar de glórias, e respeitos.

Sendo pelas ciências, e façanhas
Com empregos de paz, Troféus da guerra
Luz nas Palestras, Raio nas Campanhas,

E saindo depois da pátria terra
Com o poder do Rei mais soberano
Viu quanto gira o Sol, e o Globo encerra,

Sentado no maior trono Indiano,
Fez que várias Nações paguem tributos
Pondo a cerviz ao jugo Lusitano,

E agora que ao Brasil cheguem os frutos
Do seu Governo, Ó Tempo venturoso,
Que conta os benefícios por minutos;

Ó [vasta Região] País famoso
Que agora cresce mais em opulência
No poder de Vi-Rei tão generoso;

Ó Vassalos, que em nobre competência
Fazem em tal domínio, e desafogo
Parecer voluntária a obediência.

A destruir o Incêndio parte logo
Neste fervor mostrando que domina
Menos na Casa, que em seu peito o fogo.

Achava-se na lôbrega Oficina
Da Sulfúrea matéria cópia tanta,
Que aumentara a grandeza da ruína.

Não teme a chama ao ver que se levanta,
Pois quanto muda esteve ali secreta,
Tanto em línguas de fogo agora espanta

Da sua região buscava a meta
Fazendo horrendas impressões nos ares,
Onde cada faísca era um cometa,

Mas o Vi-Rei que em forças singulares
Sabe das chamas triunfar valente
Com a mesma fortuna que dos mares

Entra, acomete, avança, manda gente
Subir ao alto teto do Edifício
Por onde andava o fogo mui potente.

Não receia o voraz negro artifício
Que pudera cruel servir à mágoa
Com maior prontidão, que ao benefício.

Remete acima cristalina Frágoa,
Pondo, em contradição de dois contrários,
A inundações de fogo, incêndios de água.

Com este, e outros instrumentos vários,
Cede o incêndio a esforço peregrino,
Cessa o perigo a impulsos temerários.

O sucesso feliz de assombros digno
Mostrou ser mais prodígio, que ventura
Mais que humano poder, favor divino.

Pois o vil material na conjuntura
Junto às chamas estar sem arder nelas,
Mercê foi singular da Virgem pura.

Imperatriz do Céu, que em luzes belas
No calçado tem lua em mais constâncias
Sol no vestido, na coroa Estrelas.

Sendo em superiores circunstâncias
Especiosa lua sem minguentes,
Sol sem Eclipse, Estrelas sem errâncias.

Asilo de favores relevantes,
Segura defesa dos seus devotos
Compêndio de milagres incessantes

A quem os casos nunca são remotos,
E a quem sempre o Vi-Rei exemplarmente
Frequenta as Aras, e repete os Votos.

Ela o livrou do risco ali evidente,
Ela lhe deu (do fogo no extermínio)
Vitória do inimigo mais veemente,

Ela lhe faz plausível o domínio,
E no Brasil (de tantas glórias pago)
Com tal Vi-Rei, e tanto patrocínio
Tudo será Triunfo, e nada Estrago.

Do Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Chegando uma Dama à janela para ver ao seu Amante os Raios do Sol lhe turbaram de sorte a vista que não pôde vê-lo. Assunto lírico da Presente conferência.

SONETO

Com ânsia a Fábio Filis [ver] queria,
Mas a vista sutil se lhe turvava,
Quando em seus próprios Raios mais brilhava,
E Sol mais refulgente aparecia.

Não se sabe na luz eu a combatia
Quando no Amante os olhos empregava
Se ao vê-lo em tanto Resplendor cegava,
Ou já cega de amores o não via.

Tornarem-se-lhe em trevas os fulgores!
Não ver Filis a Fábio em luz imensa!
Contradição implicam tais fervores,

Mas de si, e do Sol lhe veio a ofensa,
Que a causa em profusão de Resplendores
Produziu este efeito por intensa.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA SEGUNDA CONFERÊNCIA

08 de outubro de 1724

Ao muito Reverendo Padre o Senhor Acadêmico
João Álvares Soares, presidindo na nossa
Academia, a qual de fora da Cidade mandava
alguns versos, e não tinha até o presente
vindo-a ela.

SONETO

João, a vossa Musa ausente andava
Desta Aula, que feliz hoje vos cobra,
Na qual do vosso engenho em menos obra
Chegando a parte, o todo não chegava.

Por vós a Academia suspirava,
Sendo reparo, que o valor vos dobra,
O ver que quando nela tudo sobra,
Faltando vós, sem vós tudo faltava.

Presidistes discreto, douto, e agudo,
E fazendo as vontades doce engodo,
Mostrastes natureza, engenho, e estudo.

Continuai agora deste modo,
E pois vedes, que em vós logramos tudo
Não vos deis a pedaços, senão todo.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Quem cala vence. Assunto heróico da presente conferência

SONETO

Fala o Mar no contínuo movimento,
O fogo em línguas as Esferas toca,
A terra em terremotos abre a boca,
Em sibilantes sopros silva o vento.

Logo como a dizer o seu sentimento
Uma Alma racional se não provoca?
Quando o silêncio pelas vozes troca
Sem uso de razão cada Elemento.

Como pode vencer quem pouco ativo?
Não manda a boca, quanto o peito encerra,
E estando mudo, não parece vivo.

Só triunfa em falar, em calar erra.
O racional vivente discursivo
Falando o Vento, o Fogo, o Mar, e a Terra.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Amor com Amor se paga, e Amor com Amor
se apaga. Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Deste Apótema vigilante, e cego
Uma parte confirmo, outra reprovo,
Que o Amor com Amor se paga provo,
Que o Amor com Amor se apaga nego.

Tendo os Amores um igual sossego,
Se estão pagando a fé sempre de novo,
Mas a crer que se apagam me não movo,
Sendo fogo, e matéria Amor, e emprego.

Se de incêndios costuma Amor nutrir-se,
Uma chama com outra há de aumentar-se,
Quem em si mesmas não devem consumir-se.

Com razão deve logo duvidar-se
Quando um Amor com outro sabe unir-se
Como um fogo com outro há de apagar-se?

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga.
Assunto lírico da presente conferência.

ROMANCE

Pagarse Amor con Amor
Eso es vivir, y querer
En Equilibrio de premio,
Sin pensiones de desdén.

Recíprocamente amando,
De si mismos pueden ser
Voluntad, gloria, y servicio,
Deidad, sacrificio, y fe.

Satisfacciones no aguardan,
Deudas no pueden tener,
Que en pegarse uno con otro
Todo lo dan una vez.

Noble linage de afecto,
Firme gratitud fiel
Pues no se llega a anhelar
Otro deseo, otro bien.

De la carrera del tiempo
Uno punto se suele hacer,
Y cogiendo todo ahora
No hay sazón para después.

Siempre en un término están
Que en aquellos que se ven
Satisfechos en si mismos
No hay más menguar, ni crecer.

Uno con otro apagar-se,
Dudo como pueda ser,
Siendo fuerza que las causas
Sus propios afectos den.

Un Amor, que es llama, al otro
como ha de apagar no sé,
Pues siendo finos entrambos
Son fuego, y viven de arder.

Si la causa por intensa
Mudó de afectos también,
Cosa contra la costumbre
Es accidente, y [su] ley.

Contra la Naturaleza
La fuerza, es vana, o cruel
Porque el Sol de alumbrar,
Y la llama há de incender.

No se admita la sentencia
Dice Amor, hablo por él,
Y siendo Autor, Y testigo
Sea el mismo Amor Juez.

Concluye Amor por falsa
La opinión se ha de tener
Pues si dos fuegos se apagan
Em dos Amores no hay fe.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA

22 de outubro de 1724

Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João
Calmon presidindo na nossa Academia, em dia
dos felizes anos de sua majestade que
Deus guarde.

SONETO

Fez discreta atenção, justo decoro
Em quem protege esta Aula da Bahia
Consignar ao mais fausto, alegre dia,
O discurso mais grave, e mais sonoro.

Ficar pudera por estilo, ou foro,
Nas doces vozes desta Academia,
Vir o Chantre a guiar a melodia,
Pois toca ao Chantre governar o Coro.

Só ele soube sem temor, nem susto
Em soberana empresa, assunto egrégio
Fazer maior empenho a menos custo,

E só de orar tocava o privilégio
Nos anos de Monarca mais Augusto
Entre os mais Oradores ao mais Régio.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde.
Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

Hoje faz anos faustos, e constantes
O maior Rei, na Corte mais luzida,
Conta poucos na idade mais florida,
E muitos nas ações mais relevantes.

Se numera as virtudes por instantes,
Se em ânimo Real não tem medida
Não são, a encher o seu alento, e vida
Monarquias, nem séculos bastantes.

A carreira do tempo é curta empresa
Os Reinos mais florentes infecundos,
O espaço de dois Orbes estreiteza,

E hão mister, atributos tão profundos,
Tal poder, tal valor, tanta grandeza,
Mais Anos, mais Imperios, novos Mundos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde.
Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

De outubro aos vinte e dois dá um passo a Idade
De quem domina a Lusa Monarquia,
Ao ano venturoso fez o dia,
Ao dia fez famoso a Majestade.

Não corre o tempo com velocidade,
Em vida que do afeto é simpatia,
E se amor lhe grangeia a idolatria
Não tem poder os anos na Deidade.

Se do Amor Lusitano reverente
É o Quinto João único objeto,
Nos séculos será mui permanente.

Não terão eles número completo
Em Rei que há de durar eternamente,
Vivendo por idade, e por afeto.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

A uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência.

DÉCIMAS

Belo feitiço de Neve,
do Prado pompa luzida
para flor muito crescida,
para Estrela muito breve.
Quem tanto aos aromas deve,
quem deve ao Sol tal candor,
em duplicado primor
entre cheirar, e luzir
dificulta o discernir
quando é Astro, ou quando é flor.

Lograis em grau de fineza
que nenhuma flor iguala,
muito agrado pela gala,
pela a cor toda a pureza.
Empenhou-se a Natureza
em formar-vos bela, e pura
com tal primor na figura,
que em um tempo persuade
umas vezes castidade,
outras vezes formosura.

O muito que em vós se encerra
de beleza, assombros faz,
pois com bandeira de paz
pregoais às flores guerra.
Zombais da Neve na Serra,
no Jardim fazeis conquista
de quantas flores alista,
e em suavíssimo ornato
sois todo o emprego do olfato,
toda a suspensão da vista.

Mas ó não façais firmeza
nos vossos frágeis primores,
porque a presunção das flores
é tão vã, como a beleza.
Essa branca gentileza,
de que a vista faz escolha,
tantos alentos recolha
que a ser vaidades não passem,
pois como das folhas nascem
também se secam folha.

Essa glória tão incerta,
essa Quimera de Flora
como são sonhos de Aurora
acabam quando desperta.
Estai Açucena alerta,
pois nos floridos ensaios
dos próprios Abris, e Maios
que as flores dão tal estima,
se o candor d'Alva as anima
as murcham do Sol os Raios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Descrição de uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Essa flor, cuja Holanda veste Flora,
Por quem aromas o Jardim respira,
Que a faz a Neve parecer mentira,
Que lava as roupas no suor da Aurora.

Não Rainha nas selvas, mas Senhora
Podendo no que ostenta, e no que admira
Em brancura ilustrar quanto o Sol gira
Em cambrai enxugar quanto a Alva chora.

De cinco Raios é Estrela pura
Em nuvens de Esmeralda, em verde Esfera,
Ou cinge em cinco Zonas a Espessura.

Mas ardendo em candores se pondera
Sol do Prado em Zênite da formosura,
Das flores Astro em Céu da Primavera.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA QUARTA CONFERÊNCIA

12 de novembro de 1724

Comparando a Índia com o Brasil no Governo do
Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César
de Meneses. Assunto heróico da presente
Conferência.

SONETO

Os dois melhores climas apartados,
Dois Orbes, dois Impérios estendidos,
Pelo Rei mais Augusto possuídos,
Pelo mais feliz César governados,

Serão sempre com glórias comparados
Sem excesso entre si só competidos
No poder do Monarca engrandecidos,
Nos ombros do vassalo sustentados.

Sustentar o Edifício Majestoso
De dois Mundos, a face da fortuna
Tem sido empenho forte, e generoso.

Sendo de tanta Máquina oportuna,
O Rei grande, o Regente valoroso
Um, Coroa da obra, outro Coluna.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo Assunto heróico, mostrando vantagens na América pela posse.

SONETO

Vêm América, e Ásia a preferência,
Trazendo o fundamento da vitória
No Governo de um César toda a glória,
No Mundo de um Vi-Rei toda a excelência.

Porém nesta galharda competência
De uma parte há vantagem mui notória,
Pois Ásia o bem conserva na memória,
Quando América o logra na existência.

Entre ambas finalmente se conclui
Ser, por regra constante do direito
Melhor a condição de quem possui.

Este Planeta deu a ambas respeito,
Mas se em uma influiu, e noutra influi,
Lá existe o sinal, e cá o efeito.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Vendo Filis, buscar na undosa prata
Sepulcro o Sol aos Raios que afugenta,
Os Cristais do Jazigo lhe acrescenta
Nos Mares que dos olhos lhe desata.

Em doces prantos, em distância ingrata,
Acha no Sol o mesmo que lamenta
Quando a Fábio na luz lhe representa,
Quando a ausência em retiros lhe retrata.

Se na ausência cruel, no Amor constante,
Das Espécias que guarda, e do que sente
Acha Filis objeto semelhante.

Chore, contemple, e veja fielmente
Na beleza do Sol cópias do Amante,
Nos retiros do Sol mágoas do Ausente.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso.
Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Ia o Sol, já do ardor que reverbera
A sepultar nas Ondas os fervores
Vendo em Filis com belos esplendores
Campearem dos Sóis em breve Esfera.

Quando Filis com prantos lhe pondera
Em paracismo horrível os fulgores,
Nele respeitos foram os horrores,
E nela a compaixão foi só Quimera.

Se o Sol, nos Sóis de Filis desfalece
Como lhe chora Filis os desmaios?
Quando os seus luzimentos desvanece,

Pois não fará de luz o Sol ensaios
Se Filis com os olhos o escurece,
Ou lhe apaga com lágrimas os Raios.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA QUINTA CONFERÊNCIA

26 de novembro de 1724

Cipião Desterrado de Roma. Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

Em prêmio, ó Roma da mais dura empresa,
Em galardão de dar-te a maior glória,
Em tremenda Batalha, alta vitória,
Fugitivo Aníbal, Cartago preza.

Desterrado, sem voz e sem defesa
Me tens, e desta ingratidão notória
Eu viverei com honras na memória,
Tu ficarás com notas na grandeza.

Vivendo desta ausência satisfeito
Prometo que acabando em morte grata
Nem o cadáver fie ao teu respeito.

Porque se o teu rigor tão mal me trata
Se expulsas meus afetos do teu peito
Não possuas meus ossos Pátria ingrata.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Ao mesmo Assunto heróico.

SONETO

Quem restaurou o crédito Romano,
E alento à Pátria deu, quase prostrada
Ao bélico furor, a forte Espada
Do mais fero, e mais ínclito Africano.

Pelo serviço, recebendo o dano,
Desterrado a fortuna viu mudada,
O respeito em ludíbrico, o tudo em nada,
Oh! injustiça, ó pena, ó desengano.

Porém nas queixas Cipião constante
Tanto em Linterno se mostrou contente,
Quanto em Cartago campeou triunfante,

Não logrou Roma o fim de o ter ausente
Porque na sem razão de o pôr distante
A mesma ingratição lho fez presente.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Uma beleza rara, mas esquiva
Viu Chipre em seu Teatro florescente,
Honestando Anaxarte continente
Tudo quanto estragou Vênus lasciva,

Porque não foi a Ífis compassiva,
Se lhe decreta em pena competente,
Seja um corpo de pedra permanente
Pois tinha um coração de pedra viva.

Ífis tomou a morte nesta empresa
E a vida fez despojo da vontade,
Anaxarte fez glória da dureza,

E ambos durando na posteridade,
Um vivo exemplo tem nele a fineza,
Nela um Padrão de pedra a crueldade.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Anaxarte convertida em pedra.
Assunto lírico da presente conferência.

DÉCIMAS JOCO-SÉRIAS

Uma dureza excessiva,
um estranho, e triste passo
vem hoje ao nosso Parnaso
pôr Idéia em pedra viva.
Para escrever desta esquiva
feita de pedra um Padrão
as minhas Letras serão
neste impulso que as ordena,
não escritas com a pena,
mas abertas ao picão.

Anaxarte transformada
inda se mostra teimosa
se em carne foi desdenhosa
em pedra vive amuada.
Estátua está fabricada
não de fina pedraria,
porém de pouca valia,
e podendo mais humana
ser obra de filigrana
é obra de cantaria.

Não é projeto inimigo,
que quem com ingratidão
foi pedra por condição,
seja pedra por castigo.
Se ingrata ao maior amigo
tão cruel contra ele esteve,
e um favor lhe não fez breve
que importa em tão pouca medra
que tenha corpo de pedra
se Alma de cântaro teve.

De melancólico adusto
o Amante se deu à morte,
e a Dama de calhau forte
nem lhe fez da Pira o custo.
Ela dura, ele robusto
ambos de vária maneira
a tirania, e cegueira
podem formar dois colossos,
Ífis em montanha de ossos,
Anaxarte em pederneira.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA SEXTA CONFERÊNCIA

27 de dezembro de 1724

Na ação de Alexandre com as Filhas, e Esposa de Dario. Assunto heróico da presente conferência.

SONETO

De Dario os Domínios, e a grandeza
Prostra Alexandre em militar porfia,
Mas das Filhas, e Esposa a galhardia
Honra modesto, ou liberal despreza.

No Tesouro em que Amor põe a riqueza
Não intentou mostrar soberania,
E fazendo troféu da valentia
Não quis fazer despojo da beleza.

O grande Herói então mais alentado
Em uma empresa, aos pés dois Mundos teve
Com que fez o triunfo duplicado.

Se o homem microcosmos se descreve,
Venceu em Pérsia um Mundo dilatado,
E venceu em si mesmo um Mundo breve.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Pirene convertida em Fonte. Assunto lírico da presente conferência.

SONETO

Vê Pirene das flechas de Diana
Em a morte do filho a crueldade
Que o ser por erro a mãos de uma Deidade
A não pode escusar de ser tirana.

Chora a Ninfa, e da voz que exprime humana
Julga a Deusa gentil da castidade,
Que uma queixa que a mágoa persuade
É delito que o culto lhe profana.

A Pirene transforma em Fonte pura,
Que em pequena corrente cristalina
Deste fato com lágrimas murmura.

Dela se escuta a história peregrina,
Suavizando das águas a ternura
Quando afeiou das setas a ruína.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA SÉTIMA CONFERÊNCIA

21 de janeiro de 1725

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho
presidindo na presente conferência.

SONETO

Um Carvalho da délfica Montanha
Veio ao nosso Parnaso da Bahia,
Lá aos pés a Hipocrene lhe corria,
E cá o domicílio o Mar lhe banha.

Obrando enquanto herói toda a façanha
Soldado, Presidente, Esforço, e Guia
Exerce em discrição na Academia,
Quanto em valor promete na Campanha.

Tendo Pires também por Apelido
Consegue em primoroso termo grato
Com dois efeitos, lustre repetido.

Carvalho e Pires sendo em doce trato,
Nos Pênsis do Brasil Tronco florido,
Nas Mesas da ciência rico Prato.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

DÉCIMA OITAVA CONFERÊNCIA

04 de fevereiro de 1725

Ao Reverendo Padre Coadjutor o Senhor
Manuel de Cerqueira Leal presidindo
na última conferência da nossa Academia.

SONETO

Primeiro Coadjutor, segundo Cura,
Último da Academia Presidente
Cujo metro em bolandas traz a gente,
Da mais alta à mais baixa catadura.

Em três verdes levando uma madura,
Sempre está maroma a vossa mente,
Aplauso conseguido tão veemente,
Que já de estimação passa à loucura.

Por mais que em vossas prendas me dilate,
Com vossos louvores não atino,
E temo proferir um disparate,

Que o vosso gênio estranho, ou peregrino
Só merece das Musas o saguate,
Só das Farsas de Apolo se faz digno.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Dando as Damas de Cartago os seus cabelos para
enxárcia da Armada Cartaginesa. Assunto
heróico da presente conferência.

SONETO

A pompa mais gentil da Natureza,
Das Damas prezadíssimo Tesouro,
Que aumenta a galhardia em porções de ouro
Solto em ondas nos mares da beleza.

Para enxárcia a Naval Cartaginesa
Dão as Damas com glória, e sem desdouro
Em lugar do cabelo pondo o louro,
Que lhes deu o valor pela fineza.

Sai a Armada naquela conjuntura
Estrelas competindo em paralelos,
E levando nas prendas a ventura.

Segura vai na enxárcia dos cabelos,
Que os cabos com que prende a formosura,
Tanto mais fortes são, quanto mais belos.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita

Na suspensão que faz a nossa Academia
com a última conferência.

SONETO

Depõe um pouco o Arco o Deus Luzente
Para pulsar a corda mais constate,
Descansa o instrumento altissonante
Para entoar as vozes mais valente.

Tal da nossa Hipocrene a grossa enchente
Abstendo-se do curso modulante,
Para dar muitos passos adiante
Suspende agora o passo, ou a corrente.

Bem que por algum tempo se despinte
Essa idéia gentil do Sacro Monte,
O congresso fará com que se pinte,

E trazendo a Harmonia ao Horizonte,
No coro mostrará maior requinte,
Mais amplamente beberá na Fonte.

O Acadêmico Vago
Sebastião da Rocha Pita